

*

O processo psicológico constructor d'infinito é sempre o mesmo; mas êle pode ser aplicado em condições psicológicas muito diferentes e irreductíveis; as quais podem ser copuladas *indirectamente* no entanto: d'aí a meu ver, um certo número de dificuldades que tem a sua raiz, e a sua solução automática, nos próprios mecanismos do pensamento.

Isto parece-nos estar na base da seguinte questão: «Os intuicionistas, diz Gonseth, — e antes deles os empiristas como M. Baire e M. Borel — dão prova de uma singular timidez em face do infinito, que consideram simplesmente como inconcebível. Aceitam como um dogma a asserção seguinte: o espírito humano não é capaz senão de um número finito de actos de pensar. O mais extraordinário parece-nos ser que se acredite que esta frase significa alguma coisa. Vimo-lo assaz distintamente por três vezes pelo menos, a propósito do contínuo, do número cardinal e também da noção de inclusão: o infinito em matemática parece ser a parte lançada entre dois conceitos irreductíveis um ao outro pela lógica. Pode-se naturalmente, examinando as coisas sob um certo aspecto, que nos antevê o espectro do infinito no caminho que desejámos tomar, decretar que é absurdo querer passar apesar de tudo. E' desta maneira que se nega o movimento. Em vez de recusar a existência do conceito, porque a lógica o não pode atingir, é pelo contrário a existência d'êste conceito que confere uma *existência explicativa* ao infinito matemático. Em resumo: a formação dos conceitos é justamente um acto de pensamento absolutamente irracional; querer que seja finito é querer que êle não seja. Aplicados à actividade do pensamento as palavras finito ou infinito perdem o sentido. O infinito matemático é pois um conceito derivado, explicativo, como o de número; é talvez a mais indispensável, a mais precisa e a mais legítima de todas as noções matemáticas. Se se aceita êste ponto de vista, o infinito não tendo senão uma significação relativa, a tese intuicionista não é defensável, pois é inteiramente fundada sobre o character absoluto do finito como do infinito, mesmo para os processos do pensamento. A passagem ao conceito representa uma aceleração indefinida do pensamento; não pode haver

proveito em recusar êste «presente dos deuses».

Este «presente dos deuses» não é outra coisa que não seja o facto psicológico da possibilidade de repetição infinda, o fluxo em devenir, nos aparecer imediatamente, como um dado: nisso está todo o mistério do infinito matemático; mas êste é puramente psicológico, e não devemos obscurecer a questão transpondo-o do seu campo. Não é pois exacto dizer que o pensamento é finito ou infinito; esta afirmação não tem sentido senão a tomamos causa com as condições do processo gerador. O pensamento não é infinito, no sentido seguinte, a saber, que não pode construir representações infinitas, como um todo, isto é, como uma representação actual; mas é infinito pois que a possibilidade infinda da repetição nos é tomada imediatamente, como um dado. O infinito conceptual não é mais do que uma construção simbólica erguida sobre êste facto. O vício automático de actualização simbólica, mais ou menos consciente, a personificação simbólica, a transformação insidiosa do símbolo em concepção dotada de conteúdo actual, é que conduz por vezes a filosofia, como a matemática, a conclusões ilegítimas. A dificuldade d'êstes problemas reside na correlação do lógico, do matemático e do psicológico; a obscuridade principal provém das próprias raízes do psicológico; por isso mesmo convém separar nitidamente êstes diferentes campos.

*

A dificuldade no que diz respeito a zero é muito maior do que o que diz respeito a infinito. Psicologicamente não podemos atingir zero pela exaustão do fluxo infindo de uma quantidade que diminui sempre, pois tal exaustão é contraditória com o próprio processo. O caso, por outro lado é diferente do de infinito, pois êste não é um limite, e zero pelo contrário, só pode ser atingido passando ao limite. Qual o processo psicológico, neste caso, de passagem ao limite, a empregar com o fluxo inspirado? E' esta uma das questões mais obscuras. Notemos que o conceito de zero-número só foi atingido depois de uma longa elaboração histórica; tal elaboração corresponde a um complexo trabalho psicológico preparatório, que está mal conhecido. Parece no entanto que podemos distinguir os con-